

A História de Pai Inácio

A História de Pai Inácio



© 2008 - Conhecimento Editorial Ltda.

A História de Pai Inácio

Anna Pozetta

Todos os direitos desta edição reservados
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br
Limeira, SP - Fone: 19 3451-5440

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Preparação e revisão de texto:

Margareth Rose Fonseca Carvalho

Projeto Gráfico:

Sérgio Carvalho

ISBN 978-85-7618-131-6

1ª Edição - 2008

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento gráfico da
EDITORA DO CONHECIMENTO
e-mail: grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Inácio, Pai (Espírito)

A História de Pai Inácio / (psicografia de)
Anna Pozetta. — Limeira, SP : Editora do
Conhecimento, 2008.

ISBN 978-85-7618-131-6

1. Ervas - Uso terapêutico 2. Escravidão - Brasil
3. Espiritismo 4. Ficção espírita 5. Mediunidade 6.
Reencarnação I. Pozetta, Anna. II. Título.

07-10180

CDD - 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Histórias espíritas : 133.93

Sumário

Uma história	7
1. Um chefe guerreiro	9
2. O pigmeu	25
3. Um novo desafio.....	34
4. Nova encarnação na África	38
5. Um intrigante reencontro.....	47
6. O “grande” dia.....	69
7. Árduo trabalho.....	75
8. Minha sentença	86
9. Um império de lágrimas	97
10. De volta ao mundo dos espíritos	100
11. De volta à África	124
12. Em terras brasileiras	126
13. Um tempo bom.....	147
14. A origem de Vô Firmino	150



15. Juntos: o preto e o índio.....	157
16. Adeus ao Amigo Sol	160
17. O doutor espírita.....	162
18. Armadilhas da ambição.....	164
19. Amarga provação.....	167
20. Adeus, Vô!	176
21. A doença do senhor	179
22. Fim de mais uma jornada.....	189

Uma história

Todos nós temos uma história.

Quando na carne, pensamos em nossa vida como sendo apenas a história do curto tempo de uma encarnação — um período de 60, 70, 90 anos; algumas vezes menos, outras um pouco mais.

Hoje sei que cada existência faz parte de uma longa história, em que não se pode medir o tempo porque ele nunca tem fim. Melhor dizer que cada oportunidade na carne é um capítulo de um livro que não termina, porque objetiva o aprimoramento contínuo de suas páginas por meio de experiências e conhecimentos que o escritor deve adquirir ao longo de sua existência, seja através do sofrimento ou dos momentos de felicidade.

Tenho uma história para contar, e, embora ela possa parecer breve, na realidade não o é, pelo menos no que se refere ao tempo contado na Terra. Minha história remonta há tempos e tempos; soma-se à história do planeta. Acham que sou velho? Não se enganem, caros leitores, pois tão velha quanto eu é a humanidade, ou seja, cada um de vocês que neste momento lê estas páginas.

Sei que fui criado pelo Pai simples e ignorante. Ele me concedeu a inteligência a fim de que eu pudesse evoluir, e o livre-arbítrio para que fizesse escolhas e reconhecesse Nele o soberano Senhor de todas as coisas e criaturas. Sei ainda que Ele me criou como se eu fosse uma partícula de Si próprio, e,

assim sendo, o bem que Nele existe também está dentro em mim. Quisera eu que antes o Pai jamais me tivesse feito tantas concessões!

Meu espírito iniciou sua trajetória na Terra. Na erraticidade, por algumas vezes, tive a oportunidade de conhecer outros locais habitados, vindo a saber que jamais em nenhum deles havia encarnado. Mas somente depois de muito sofrer é que pude enxergar melhor as belezas deste maravilhoso planeta e sua real importância no Universo.

O acesso às lembranças de nossas primeiras encarnações é tão difícil quanto o é chegar à purificação do espírito, ou melhor, à angelitude. Sabemos, por intermédio dos mentores e dos guardiões espirituais, que a humanidade teve, desde o início, assessoria para progredir e descobrir coisas que facilitaríamos a sua vida e, conseqüentemente, o seu progresso espiritual. A descoberta do fogo, do abrigo, das vestes, das ferramentas mais diversas, aconteceu graças à faculdade mediúmica que o homem possui desde os seus primórdios, posto que o sexto sentido faz parte de sua constituição orgânica. Isso é fato. No início, adorava-se a Deus reverenciando-se a natureza como força soberana, e a ela rendendo cultos. E reconhecer o Pai nas suas mais variadas formas de criação — no Sol, na terra, no fogo, no ar — é estar integrado às forças cósmicas mais sublimes.

E simples éramos nós, até que a ilusão nos perverteu.

Venho humildemente contar parte de minha história, já que toda ela nem mesmo eu a conheço. Agradeço a todos aqueles que por estas despreziosas e singelas páginas se interessarem. Acima de tudo, agradeço ao magnânimo Pai, que me concedeu mais esta graça.

O Senhor seja louvado!

Pai Inácio

1

Um chefe guerreiro

Eu era o filho mais velho dos 20 filhos que meu pai colocou no mundo. Ele teve nove mulheres e era chefe de uma tribo africana extremamente arredia e de hábitos bastante particulares. Éramos exímios caçadores, além de agricultores, pecuaristas e ferreiros. Embora selvagens, dominávamos todas essas técnicas com maestria. Tamanho conhecimento nos legava independência, poder e muita prosperidade. Adorávamos e temíamos os deuses da natureza e prestávamos cultos aos nossos ancestrais. Tínhamos por certeza a continuidade da vida de nossos mortos em outro plano, pois a maioria de nós os via, por meio do fenômeno da vidência, e até chegava a lhes falar, em nossas horas mais difíceis.

Logo eu seria, em razão da avançada idade de meu pai, o novo chefe da tribo. Éramos polígamos, não apenas em minha tribo, mas em todas as demais. Nessa época, eu já contava com três esposas — número irrisório para um chefe —, e outras viriam a se somar a essas. Devo deixar claro que a minha primeira esposa não apenas era a predileta como contaria com privilégios depois que eu me tornasse chefe.

Tínhamos um líder espiritual que era também o responsável pela saúde da tribo: conhecedor do poder das plantas, curava os corpos e as almas. Era respeitado por todos, até mesmo pelo meu pai, que era o chefe geral da tribo. Sua palavra era a lei máxima; portanto, o chefe na realidade era mesmo ele. Ancião, não demonstrava cansaço nem dificuldade

para executar suas tarefas. Viveria muitos anos ainda, pois o amparo dos deuses e dos ancestrais lhe facultava vida longa. Como eu muito o admirava, passava boa parte do tempo em sua sábia companhia. Aprendi muito com ele. Às vezes, nos embrenhávamos na mata para colher ervas curativas. Para cada uma havia um horário de colheita e a lua propícia. A natureza fornece a fonte para a cura e o homem, por intermédio dos mensageiros de Deus, adquire a sabedoria para bem utilizar esses recursos infinitos que são colocados à nossa disposição, gratuita e bondosamente.

A lida com as ervas exercia sobre mim um doce fascínio. Desde a colheita até sua aplicação, tudo para mim era mágico, belo e abençoado. O ancião sempre me dizia que, não fosse eu o sucessor de meu pai, certamente me tornaria forte candidato a sucedê-lo. Eu sorria e me orgulhava por tamanho elogio. Essa convivência me trouxe conhecimentos extras, ou seja, era eu o único caçador da tribo que sabia como lidar com as ervas e aplicá-las, em caso de necessidade durante as caçadas. Esse fato contribuía para que o respeito por mim aumentasse na tribo. Cada membro conhecia um pouco as ervas, mas dentro de um limite bem restrito. Eu, porém, conhecia tanto quanto o próprio ancião.

Até aqui só falei do meu lado bom, mas existe um outro obscuro. Todo ser humano possui duas metades, prevalecendo sempre aquela que mais alimentamos. Isso é fato. Infelizmente, à medida que o homem progride intelectualmente, pouco avança em moral pois a violência e os antigos pendores tendem a resistir em seu espírito, que se debate no afã da evolução, através de inúmeras encarnações. Foi assim comigo, e creiam, é assim com todos. O homem é um diamante rústico que precisa de muitas lapidações para que possa ganhar brilho. O único responsável por isso é ele próprio. Soubesse desde o início bem dispor dos recursos a ele emprestados para progredir, certamente estaria hoje em muito melhores condições físicas, espirituais e morais.

É com pesar que somos obrigados a reconhecer que utilizamos mal todo o bem que sempre nos chegou. O progresso trouxe consigo sentimentos destoantes do bem, como a ganância, a sede de poder, a vingança, a escravidão, a presunção e a

arrogância. Por tudo isso, começamos a errar, e tanto que não paramos até hoje. A cada encarnação devemos nos despojar de algo ruim em nós. Esse é um processo lento porque o mal é muito grande.

Algumas civilizações, por conta da falta de progresso moral, sucumbiram, de nada adiantando o seu enorme conhecimento e o grande intelecto. A sabedoria e o amor são como duas asas que permitem a um corpo alçar vôo. Se essas duas asas não estiverem perfeitamente equilibradas, o vôo simplesmente não acontece. Sendo assim, bem podemos compreender as dificuldades desta sofrida humanidade.

Voltemos à minha história. Como líder dos caçadores da tribo, e chefe iminente, eu poderia ter sido menos cruel com os meus semelhantes. Talvez pudesse até ter influenciado melhor os meus subordinados, mas não foi isso que fiz. A crueldade estava impregnada em meu espírito. Por essa razão, eu era temido dentro e fora da tribo. Temido, respeitado, e principalmente muito odiado. Espalhados pelo meu corpo, eu exibia os meus troféus: peles e dentes de animais selvagens abatidos por mim. Era essa uma das maneiras pelas quais a minha presença intimidava aos outros. A quantidade desses troféus era imensa, maior do que qualquer um poderia alcançar. Eu era grande, imbatível. Não havia ninguém que ousasse me desafiar em minhas habilidades.

Pelas minhas andanças, escravizei cruelmente um grande número de pessoas. Delas dispus como se fossem objetos, ora de preço vulgar, ora de grande valor, segundo seus portes e habilidades. O que eu pensava ao fazer isso? A resposta é simples: eu não pensava. De um lado, agia por puro instinto; de outro, com gana de acumular cada vez mais poder e prestígio. Agradava-me ver o povo aos meus pés. Durante as guerras que travávamos com outras tribos, na maioria das vezes mais fracas que a nossa, espalhávamos terror e indignação. Separávamos famílias, tomávamos mulheres jovens pelo simples desejo de satisfazer nossos instintos de bárbaros e cruéis, abandonando-as à sua própria sorte, logo após. Quando pensávamos em nossos prováveis filhos bastardos, o riso corria solto como se o fato fosse algo muito positivo. Mal sabíamos quão caro pagaríamos por isso.

Nossas festas religiosas obedeciam a rituais que, nos dias de hoje, indignariam até o mais cruel dos homens. A primeira parte era tranquila: um culto aos ancestrais, com todo respeito e um culto às divindades da natureza, com toda fé. Mas, quando a lua cheia já estava alta, então começavam os sacrifícios às forças que regiam o nosso lado obscuro. Essas forças nos protegiam da influência das mesmas forças que as outras tribos possuíam. Sem essa magia, seríamos presa fácil ao inimigo. Baixa magia ou magia negra, como queiram — era assim que encerrávamos os rituais. Os membros comuns da tribo não participavam do círculo ritualístico de baixa magia, somente os mais velhos e os chefes. Quanto maior o sacrifício oferecido, maiores seriam nosso poder e nosso domínio sobre outras tribos.

Entreguei muitos escravos feitos por mim ao ritual. Sobre pedras frias, no meio da selva úmida pelo orvalho da madrugada, vi muito sangue correr em sacrifício, em prol de minha ganância de sempre querer mais e mais. Não vou citar todas as crueldades das quais participei por respeito à sensibilidade do leitor amigo e pela minha dificuldade emocional, ao rever tais lembranças. Meus irmãos, ninguém é coitado! Ninguém sofre sem merecer, sem violar as leis do Pai Criador, ninguém. O nosso poder mágico era tanto que, nos dias imediatos aos dos rituais, sempre acontecia algo de muito bom na comunidade. Esses acontecimentos nos davam a certeza de que a magia fora aceita pela espiritualidade. Nosso ego se inflava, naturalmente. Certo é que aquilo que é bom para um pode não ser para outro. Na visão que tínhamos naquela época, bom para nós era tudo o que nos garantia comida farta, saúde, proteção contra ataques de outras tribos e das feras selvagens, e assim por diante. Para sermos coroados com todas essas bênçãos, não nos importávamos se nossa magia atingia cruelmente outras tribos. Muitas vezes, o resultado de nossas magias eram: vastos incêndios e a perda da lavoura, doenças não identificadas pelos curandeiros, pragas e outras consequências.

Quando, porém, nos deparávamos com forças semelhantes às nossas, imediatamente fazíamos pactos sangrentos com os espíritos envolvidos, em que participavam tanto

alguns membros de nossa tribo como da tribo em questão. Selavam-se, com o sangue e o sofrimento de irmãos nossos, pactos que nem sei como descrever tal o alto teor das brutalidades. É indispensável comentar a dimensão do comprometimento que acumulei nessa ocasião, tanto com os irmãos que estavam na carne como com os que não estavam, sem esquecer daqueles que escravizei e entreguei em sacrifício, e de outros a quem maltratei. Preciso confessar que minha crueldade também se fez presente entre os animais, criaturas indefesas perante o homem, contra as quais cometi uma série de delitos.

Resumindo a nossa religiosidade: éramos feiticeiros de alto poder mágico. De vez em quando, ou melhor, umas duas ou três vezes ao ano, recebíamos magos de outras tribos simpáticas à nossa para acertar pactos feitos. Toda a magia era feita por meio da telepatia; portanto, quando o encontro com esses outros magos acontecia, as palavras eram desnecessárias. Na ocasião, falava-se muito pouco, mesmo porque quem promovia esses encontros era a própria espiritualidade. Eles sempre aconteciam em nossa tribo, afinal a nossa magia era a mais poderosa por aqueles lados.

Todos sabemos, de alguma forma, que tudo tem começo, meio e fim. Sabemos ainda que o ser humano costuma iludir-se de muitas maneiras, e que quem julga tudo saber, tudo poder, na verdade muito pouco sabe e quase nada pode. A ilusão, a vaidade e a presunção são como vendas nos olhos: quando são retiradas pela imposição da justa Lei Divina, o que resta é amargar dores que, de tão fortes, têm de vir aos poucos; do contrário, certamente sucumbe-se tão cedo que mal se tem tempo de optar por novos caminhos. Assim é a reencarnação. É a bondade de Deus para conosco, dando-nos sempre e sempre mais uma chance; permitindo que, em cada encarnação, nosso tão endividado espírito se despoje do mal, para depois recomeçar mais uma vez. Graças a Deus por isso, senão o que seria de nós?

Devo esclarecer que tudo o que anteriormente citei era encarado por nós como atitudes absolutamente normais. Naquela época, éramos mais selvagens do que hoje ainda é o ser humano. Não conhecíamos Deus como nos dias atuais. Não quero com isso justificar nossas crueldades; meu objetivo é

esclarecer que a humanidade, ao longo de sua trajetória, agia segundo seu amadurecimento e suas necessidades, e com os recursos de que dispunha. Cada agrupamento humano sobre a Terra evoluiu de forma gradativa, obedecendo sempre às leis divinas, mesmo sem saber. O problema é que, à medida que o homem vai despertando o seu lado consciente, ainda persiste no mal, nele se comprazendo.

Minha primeira grande frustração, e abatimento de meu superego, se deram com o desencarne de meu pai. A espiritualidade nos advertia que seria um desenlace doloroso, e que nós, mesmo sendo potentes magos, nada poderíamos fazer para evitá-lo. Fiquei confuso, revoltado. Procurei nosso chefe espiritual, enlouquecido pela raiva, e pacientemente ele me disse:

— Compreendo sua dor, sua frustração, porém esse é o caminho determinado pelos espíritos para que ele chegue melhor ao outro lado. Existem coisas que não conseguimos entender nem aceitar, mas se foi permitido que esse mal afetasse seu pai, certamente ele é justo. Os espíritos sabem e podem muito mais do que nós, meu guerreiro (era assim que o ancião me chamava). Se você não dominar os seus sentimentos, eles o farão sofrer ainda mais. Trate de se conter e pedir aos ancestrais que o ajudem nesta hora difícil. Parece que você esqueceu que todos nós somos mortais e que a continuidade da vida está em outro plano.

Nossa conversa durou horas. Pela primeira vez naquela existência tive de me resignar. Foi muito difícil.

Meu pai passou a definhar, dia após dia. Em vão foram todos os meus apelos à espiritualidade, todo o meu conhecimento acerca das ervas curativas. Preparei todos os unguentos, todos os chás, todos os bálsamos que conhecia mas nenhum resultado surtia. A resignação e a raiva, ao mesmo tempo, ganhavam terreno em meu coração cruel, que naquele momento tornara-se tão frágil quanto um delicado cristal que pode se quebrar com o simples soar de uma voz mais aguda. Este foi o meu primeiro sofrimento real: sentir-me impotente diante das leis, coisa que eu desconhecia.

E lá se foi o meu pai: viveria agora no mundo dos espíritos, faria parte de nosso culto aos ancestrais. Não pude fazer

nada, a não ser aceitar. Sofri como nunca pensara que pudesse sofrer. Ainda assim, eu levaria muito tempo até que meu selvagem coração fosse domado. Esse foi apenas um de meus primeiros momentos de despertamento consciencial.

Passado o ritual fúnebre, os anciões se reuniram para marcar o dia de minha posse como grande chefe da tribo. Uma parte de mim sentia orgulho e alegria, outra tristeza e revolta. Jurei ao meu pai, por pensamento, que defenderia sua tribo a qualquer preço ou sacrifício. Jurei que sempre seríamos prósperos e vencedores. Jurei que ampararia suas viúvas, como se todas tivessem sido minha mãe. Jurei fidelidade a todos os seus ensinamentos. E assim, de forma particular e profundamente sincera, fiz os meus votos. Uma festança barulhenta e alegre seguiu-se à cerimônia em que todos me reverenciavam. Minhas esposas estavam radiantes, orgulhosas e ativas, tanto quanto eu. Nessa época, eu já desposara sete mulheres, que me haviam dado quatro filhos do sexo masculino, o que entorpecia meu ego, pois minha soberania seria mantida. Tudo corria de forma que eu, apesar da morte de meu pai, me sentia forte e soberano. Vivi assim, desfrutando de todos os louros, até nova tragédia.

Eu, minhas esposas e meus filhos vivíamos juntos sob o mesmo teto. Aquelas que ainda não haviam dado a luz auxiliavam as outras no trato com as crianças. Melhor esclarecendo: em nossa tribo, filho de uma era filho de todas (isso não apenas em relação a minhas esposas, mas a todas as mulheres da tribo). As crianças eram prioridade, e dispunham de um verdadeiro exército de mães. Ocorre que minha primeira esposa, a predileta, até então não me havia dado um filho, e isso me intrigava. Recorri às ervas, aos espíritos, e nada! Nem mesmo a espiritualidade respondia aos meus apelos por esclarecimento. Então, mais uma vez, senti a minha confiança se abalar. Intrigado, conversei com todos os anciões da tribo, e, assim como acontecera com meu pai, não havia uma resposta clara e convincente quanto ao que poderia ser feito para que ela gerasse filhos meus. Eu sentia como se os espíritos tivessem me abandonado de novo, e a revolta encheu o meu peito. A pergunta que me assombrava e quase me enlouquecia era: por quê?

Mesmo sendo o novo chefe, continuava a liderar as caçadas, tanto de animais quanto de novos escravos, que muito nos eram úteis e lucrativos. No dia anterior ao de nossa partida, estava reunido com minhas esposas e meus filhos quando decidi tomar minha sétima esposa, a mais jovem e fogosa, por fêmea naquela noite. Era assim que o relacionamento sexual acontecia: cada noite eu escolhia uma delas para me servir; as outras respeitavam e se retiravam de meu espaço particular, no grande refúgio onde vivíamos. Estávamos felizes e sorridentes, quando um pensamento passou pela minha mente. Levantei-me rapidamente, ordenei à mulher que dali não saísse e fui conferir. O silêncio na tribo tinha pulsação. Comecei a suar frio, sem entender por quê. Tal qual fera que analisa o terreno antes de atacar, assim fui em busca de algo que não imaginava o que seria. Vasculhei cada metro da tribo, até que ouvi vozes sussurrando:

— Tomou o chá hoje?

— Sim. Desde que você me ensinou, tenho tomado diariamente. Nunca se sabe quando ele vai me escolher, então resolvi tomá-lo todos os dias.

— Não. Não é para ser assim. Só deve tomá-lo quando se deitar comigo ou com ele. Do contrário, a erva pode torná-la estéril. Preste atenção, do jeito que você está usando, pode nunca ser mãe nesta vida.

— Se não posso ter um filho seu, não quero filho de mais ninguém. Nem dele, que é o todo-poderoso.

Ao fim dessa frase, eu já tinha reconhecido a voz dos locutores que me traíam: minha esposa predileta e um de meus irmãos. Eram eles quem me apunhalavam pelas costas.

Qual fera, urrando de dor, me lancei sobre os dois. Matei meu irmão. Quanto a ela, a preferida de meu coração, eu a expus no meio da tribo, contando a todos o ocorrido. Ordenei sem titubear que seus seios fossem arrancados sob as vistas de todos. Que servisse de exemplo para as outras, e que ela, a traidora, mesmo que se tornasse mãe um dia, jamais pudesse alimentar seu filho. Feito isso, expulsei-a de nossa tribo, entreguei-a de volta à floresta, de onde eu jamais deveria tê-la tirado. Reunido com os anciões, perguntei, enfurecido, por que não me advertiram quanto à traição de meu irmão e de minha

primeira mulher. Acaso os espíritos me haviam abandonado? Esbravejei por longo tempo, sem ser interrompido. Os anciões apenas ouviam, sem nada responder, até que nosso chefe espiritual, de forma branda, porém severa, ordenou que eu me calasse. Relutei por alguns instantes e ele então fez valer sua autoridade, levantando-se e dirigindo a mim um olhar que colocaria qualquer um fora de combate. Então calei-me.

— Guerreiro, nenhum espírito é nosso serviçal. O intercâmbio que temos com eles em muito nos ajuda, mas é bom que você saiba, e já está começando a descobrir, que nem sempre eles podem atuar e tudo fazer. Existem questões que devemos enfrentar por nós mesmos; armadilhas que devemos aprender a evitar e identificar com sabedoria. Quanto mais velhos ficamos, mais conscientes dessa realidade nos tornamos. Sabe por quê? Porque experienciamos a vida e suas dores. Aprendemos que acima de nossa vontade existe um poder maior que às vezes nos foge ao controle. Você mesmo, quantas vezes precisou de nossa orientação? Você não se lembra, mas sempre o alertamos que quando se tornasse chefe as provas viriam mais fortes, na exata proporção de seu poder. Testes que iriam validar a sua chefia. Nesta primeira prova você falhou: tomou decisões impulsivas e derramou o sangue de seus ancestrais. Não adianta perguntar agora o que deveria ter feito diante da traição, porque já fez tudo conforme sua vontade e seu poder. Nada discutiremos. Saiba apenas que terá direito de errar mais duas vezes. Depois, se você cair, será relegado a um lugar comum na tribo. Isto se a espiritualidade não decidir tomar de vez a sua vida. Não podemos prever. Sei que está confuso. Você não meditou sobre a atuação dos espíritos em nossa vida, é por isso que tornou-se rebelde. Confesso que também eu falhei por não ter identificado em seu espírito tanta vaidade e orgulho. Se não se render, filho, o sofrimento será muito maior. Chefe não é soberano, senhor de escravos. É pai protetor e servo, quando necessário.

Por meses, em meus sonhos, revi o olhar de meu irmão nos breves instantes que antecederam sua morte. Os gritos de dor de minha esposa predileta, sangrando no centro de nossa tribo, ressoavam nos meus ouvidos. Via os rostos das pessoas vendo aquelas cenas, horrorizadas; algumas sem

olhar porque não suportavam a crueldade. Convivi com esse inferno em vida durante um bom tempo.

O poder me corrompeu, acentuou ainda mais a minha crueldade. A crença nos espíritos diminuiu. Passei a acreditar mais em mim mesmo do que neles. Foi então que a prosperidade começou a nos abandonar. Muitos membros da tribo caíram doentes ao mesmo tempo. Inutilmente utilizamos todo o nosso conhecimento de cura. E nada! Mais uma vez me revoltei e, dessa feita, fui mais longe do que eu próprio poderia um dia ter imaginado. Entreguei minha vida num pacto de sangue com os espíritos do mal. Eu os obedeceria dali em diante e eles me devolveriam a prosperidade, o poder absoluto e tudo o mais que eu desejasse. Fazia parte do trato a minha união a eles, depois de minha morte.

Só um alienado, alguém totalmente cego, poderia ter agido assim, mas a dor eu não aceitei, a soberania dos espíritos sobre a minha vontade eu repudiei, o gosto do poder e da força, do domínio sobre os outros, tornara-se para mim a razão de viver. Nada nem ninguém, entre o céu e a Terra, me destruiriam ou ousariam me derrubar. Foi pensando assim que apelei como último recurso aos magos negros do plano espiritual. Não me dei conta de que, naquele momento, estava selando a minha própria escravatura por tempo indeterminado. A cegueira pelo poder não permitia que eu raciocinasse, e o contato com os espíritos malignos me deixava como que hipnotizado, pois era de seu interesse atrair para o seu bando alguém como eu. A partir dali, unidos a mim, praticariam os mais vis desejos.

Cientes da situação, os anciões da tribo só podiam lamentar o fato, muito pouco podendo fazer para reverter esse quadro. Tentaram, mas obviamente não lograram êxito. E tudo voltou a ser como antes. Os doentes foram curados, e eu passei a reinar soberano sobre meu povo e sobre toda a região vizinha. A prosperidade retornara à nossa tribo, tudo como eu queria. Mais uma vez fui chamado pelos anciões. Eles me advertiram sobre o perigo que eu estava correndo, estando unido aos magos negros do Astral, bem como sobre o perigo que toda a tribo corria por causa daquele pacto. Mas não dei ouvidos, e então lamentaram profundamente o fato de já não poderem me in-

fluenciar no bem. Eu estava definitivamente perdido. Somente bem mais tarde, no plano espiritual, é que eu entenderia isso, intimamente. Por ora, tudo o que eu conseguia ver era a mim mesmo. Tristes, decepcionados e feridos pela minha ingratidão e arrogância, os anciões decidiram o seguinte: sairiam da tribo com alguns homens, mulheres e crianças que os quisessem acompanhar. Bem longe dali, formariam uma nova comunidade, onde o mal não fosse amo e senhor.

Para grande surpresa de todos, não retruí a decisão. Disse apenas que poderiam sair quando quisessem, não haveriam de me fazer falta alguma, em nenhum sentido. Vi lágrimas correrem na face do nosso líder espiritual, aquele mesmo que tanto me havia ensinado sobre os segredos das ervas e de suas aplicações, entre tantas outras coisas boas da vida. Mesmo assim não me comovi, pois achava que eles estavam me afrontando. Decidi então mostrar que eu era o senhor absoluto da tribo, que os espíritos que eles adoravam só me haviam feito sofrer e, por fim, me abandonaram. Os espíritos que realmente me satisfaziam e me ajudavam eram os magos negros; a eles sim eu devia obediência agora, pois me davam tudo o que eu mais queria. Isto sim era ajuda!

Alguns dias se passaram, até que, numa bela manhã de primavera, vi reunidos no centro da tribo os anciões e boa parte dos membros da comunidade que eu orgulhosamente julgava minha, carregando somente alguns bens materiais. O que eu não tinha previsto é que também levassem consigo o pouco bem que ainda restava em mim. Nunca mais eu esqueceria, enquanto vivesse, o olhar amoroso e triste daquele que havia sido meu mestre, meu guia espiritual, meu conselheiro, um pai. Rapidamente afastei a emoção e segui em frente, dizendo a todos que, se assim desejavam, então que se retirassem logo e nunca mais, sob pretexto algum, retornassem à tribo.

Reuni o que havia sobrado da comunidade e deleguei a alguns mais velhos o lugar daqueles que foram embora. Quanto à liderança espiritual, decidi que esta seria minha também por direito, uma vez que de magia eu entendia muito bem. Além do mais, os magos estariam a nosso favor e fariam a tribo aumentar em dobro, não fazendo a menor diferença se alguns ingratos tivessem ido embora. Eles teriam o que mereciam,

passariam fome, sede, perigo; tudo de ruim haveria de lhes acontecer. Era isso que minha mente idealizava quando da partida daqueles membros, outrora tão caros de meu coração.

E o tempo foi passando, os magos se tornando mais exigentes a cada reunião. Eu estava encontrando dificuldades em atender a todos os seus pedidos. Não percebia, mas o cerco à minha volta estava se fechando. Agora, satisfeitos em muitos de seus desejos, queriam a mim e tinham esse direito. Fui ficando apavorado. Acho que foi então que despertei para a forma como havia arruinado a minha vida. Tarde demais!

Vi a doença incontrollável se espalhar pelo que restara da tribo que um dia me havia feito rei. Minhas mulheres, míseras coitadas, definhavam, vítimas de uma febre que nada controlava; meus filhos sentiam fome e sede em razão de uma seca inexplicável que nos acometeu, destruindo o alimento e secando os rios. Faltava-nos forças para ir buscar caça em outros lugares, pois a debilidade tomou conta de todos. Além disso tudo, a cobrança dos magos era cada vez maior, e de nada adiantava explicar a situação. Desesperado e enfurecido mais uma vez, só que dessa feita sem ter a quem recorrer, implorei, enlouquecido:

—Tomem, eu me entrego! Levem a mim e deixem que o restante de meu povo viva em paz.

Imperou o silêncio, o medo, o pavor. As cobranças e reuniões cessaram. A situação transcorria com uma calma aparente, pois havia uma tensão no ar que eu não sabia explicar. Tinha a impressão de que, quando menos esperasse, eu viria o golpe fatal. Era como se uma fera estivesse à minha espreita, aguardando o melhor momento para me devorar. Tal qual caça, passei a me esconder, noite e dia, do temido caçador, como se isso fosse possível.

Em meio à aparente calma, eis que chegou a fatídica noite. Gritos, correria, fogo. A próspera tribo, da qual eu tanto me orgulhava, ardia agora em chamas tão altas que mal se via o céu. Embora corressem, tentando se salvar, as pessoas não conseguiam sair daquele cerco. Era como se houvesse um muro alto cercando a todos. Eu sabia que era uma linha imaginária, mas sabia também que dali ninguém poderia escapar, e o responsável por toda aquela dor e tragédia era eu. Sufocado